

BERRY, David M.; FAGERJORD, Anders. *Digital humanities: knowledge and critique in a digital age*. Cambridge, UK/Malden, USA: Polity, 2017.

Resenha do livro **Digital humanities: knowledge and critique in a digital age**, de David M. Berry e Anders Fagerjord

Monica Pinheiro Allan¹

dx.doi.org/
10.23925/1984-3585.2020i21p227-231

Berry e Fagerjord se propõem a debater as genealogias das Humanidades Digitais (HD) a partir da transição do *computing in the humanities* para as chamadas *digital humanities*. O livro desdobra-se em argumentações dinâmicas a partir da multiplicidade de vozes autorais que irão constituir o mapeamento, a fim de fomentar a criticidade epistêmica e metodológica acerca das HD, mas também em relação às questões práticas do campo e ao desenvolvimento do ferramental da computação.

Berry e Fagerjord exemplificam como a cultura digital surge a partir das mediações de hábitos e das exigências formais advindas da complementaridade entre o analógico e o digital, o que, às vezes, torna “aquilo que é digital” secundário frente a muitas formas de mediação, produção, acesso, distribuição e consumo através de dispositivos digitais e tecnológicos. As HD situam-se como um campo de pesquisa novo e o livro se posiciona em meio aos debates da tecnologia e cultura. Os autores ressaltam o momento marcadamente histórico em que escrevem, visto que as transformações criativas no meio acadêmico e no modo social tornam a produção digitalizada de conhecimento em rede contínua nos intermeios da conexão e desconexão. A ubiquidade da tecnologia frente à sociedade pós-digital exige um preparo para futuras intervenções críticas, seja sobre o gerenciamento do conhecimento técnico e seus agenciamentos ou sobre a discussão da ética em relação às diversas formas de tecnologias e seus usos, nem sempre visíveis a todos. O livro, em sua orquestração heurística sobre cultura e conhecimento, apresenta timbres e inflexões de reverses polêmicos, até antitecnológicos nas bifurcações dos interesses humanos, como modo de ajudar a formar maior criticidade em relação ao tema. Para isso, Berry e Fagerjord destacam autores consagrados em discussões textuais e filosóficas, tais como Schreibman, Pannapacker e Moretti para iluminarem a temática e seus desdobramentos.

¹ Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2018).
cv Lattes: lattes.cnpq.br/0730011721582342. E-mail: milvezesmonica@gmail.com.

Na Introdução, Berry e Fagerjord apresentam as *Humanidades Digitais*, ou simplesmente HD, como termo que ainda traz em si muitos embates intelectuais a seu respeito, e que se encontra marcado na sua origem engendrada no movimento que ficou conhecido como *humanidades computacionais*. Para os pensadores dessa linha de pesquisa, trata-se de uma disciplina na qual há muito a se construir, uma vez que emergiu como movimento sob essa denominação no âmbito acadêmico somente a partir de 2001. De maneira geral, sob o termo HD, é possível encontrar pesquisas especializadas, demarcadas por necessidades específicas do meio em que foram desenvolvidas, orientadas pela lucidez da consciência que, ao mesmo tempo, assiste e compartilha as potencialidades do digital nas universidades e que é cônica da importância de incorporar e corporificar as experiências e modelos digitais como base fundamental para as humanidades. Não sem crítica, e nem sempre com a visibilidade dos efeitos que essa transformação codificada causa através de um mundo de acessos, de superfícies, de redes, de dados (*big data* e *meta data*), de arquivos e imagens, logaritmos, dispositivos e interfaces, e de todo um ferramental tecnológico que somente o pensamento rizomático pode alcançar em seus múltiplos campos de uso e inventividades.

Berry e Fagerjord apresentam um livro guia, cujos argumentos teóricos são apresentados de maneira a articular uma virada crítica do pensamento sobre as humanidades, contribuindo para o desenvolvimento de uma importante perspectiva cognitiva. Os autores partem do modelo da comunicação midiática, das métricas entre educação e consumo para inserirem as humanidades no contexto digital e discutir se elas podem nos levar ao futuro. Grusin, sobre o lado escuro e o lado luminoso das HD, Hayles, McGann, Hitchcock e Kirschenbaum são alguns dos teóricos ilustrados nesse mosaico que se aprofunda nas preocupações tradicionais da produção do conhecimento e em suas representações por meio de métodos, infraestrutura de pesquisa e armazenamento digitais. Drucker é lembrado (p. 12), assim como opiniões controversas como forma de direcionar os sentidos para estudos humanísticos sob os efeitos da tecnologia, na busca de uma teoria da informação humanística para compor o uso da tecnologia, que estruture a arquitetura da modelagem dessa informação presente nas leituras da mídia social e em jogos, narrativas, tipos de dados, interfaces e protocolos.

Na busca por um diagrama, os autores ilustram de modo gráfico a abstração criativa da informação em camadas, a qual chamam de “pilha das HD” (p. 19). Linguagem comum na computação, esse recurso é usado no livro para mostrar como as tecnologias formam camadas, servindo ao propósito ilustrativo da busca de metáforas para ajudar na compreensão da complexidade criativa do digital.

No capítulo 2, “Genealogies of digital humanities”, Berry e Fagerjord desenvolvem as origens do *computing in the humanities* (p. 25). O campo das HD é explorado conceitualmente. Roberto Busa (1913-2011) é um dos pioneiros, associado ao início do uso da computação nas humanidades. Padre jesuíta e professor de filosofia, ele se destacou nas humanidades computacionais ao indexar a obra de Tomás de Aquino, usando um computador IBM em 1949. As habilidades necessárias ao trabalho no século XXI compõem debates teóricos sobre o trabalho digital em seu paradigma de função, de cooperação e de conhecimento aprofundado como benefícios trazidos pelas HD, bem como sobre sua complexidade, que abarca vários campos como educação, política, sociologia, além da própria computação e de diversas outras linguagens (linguística, metalinguística e metalinguagem).

Questões sobre a automação, código aberto (*open source*) e cocriação são trazidas à tona, bem como discussões importantes sobre o que são as HD em si e quais as práticas ferramentais criativas adotadas. A cultura “industrializada” toma para si as descobertas científicas? Quais são os modelos adotados pelas HD? Questões importantes como essas são debatidas. O livro apresenta outras questões sobre documentos abertos e interfaces colaborativas que pressupõem as leituras de Cathy Davidson (2012), *Humanities 2.0*, e de Presner e Schnapp (2009), *Manifesto 2.0*, publicado pela Universidade da Califórnia. A chave para a argumentação de Berry e Fagerjord é a de que as disciplinas se fortalecem tendo pesquisadores especializados e que, portanto, podem se mover entre projetos de HD e teorias (p. 34). Berry (p. 35), que dividiu analiticamente as HD em 1ª Onda: *Computing in humanities* (1940-2001); 2ª Onda: *Digital humanities* (HD) – interfaces e nascido digital (*born digital*), 3ª Onda – *Digital humanities*, materialidade e cultura crítica, nesse capítulo também apresenta outros modelos, inclusive o Tipo 1 e Tipo 2 de HD de Ramsay (p. 36).

No capítulo 3, “On the way to computational thinking”, os autores apresentam o pensamento computacional (p. 41-42) e um panorama dos elementos comuns a esse campo rumo às HD. Os autores acreditam ser fundamental à fomentação crítica compreender as chaves computacionais: automação, abstração, decomposição, algoritmos, aprendizado das linguagens e estética da computação. Através da exemplificação, também discutem processo e modelagem para abordarem a questão humanista através da problematização e inserção de processos na busca de soluções. Destacam sempre a importância das pesquisas, ilustram a relevância das diferentes formas de Inteligência Artificial (p. 50) e seu uso em plataformas como Google Search, Amazon e Flickr, e a importância econômica

de corporações midiáticas como Apple, Facebook etc. na sistematização de algoritmos para desenvolver a programação, o insight criativo e a representação computacional para as HD.

O capítulo 4, “Knowledge representation and archives”, desenvolve as abordagens a respeito de metadados em suas diferentes representações. Os autores estão preocupados com a formatação material da cultura em imagens, livros, artigos, sons, filmes, vídeos etc. Assim como Flusser, que versa sobre artefato e artifício, Berry e Fagerjord estão sob o mote de Minsky (p. 61) quando escreveu que “o modelo não é o objeto em si, mas a representação daqueles aspectos do objeto que preocupam os pesquisadores”. Os autores abordam diversas linguagens (p. 65), entre elas SGML (*Standard Generalized Markup Language*), XML (*Extensible Markup Language*), GIS (*Geographic Information System*), investigam os métodos e técnicas utilizadas, e questionam as linguagens que logo estarão muito além do que é compatível com a epistemologia tradicional e as disciplinas humanistas (p. 75-79).

O quinto e sexto capítulos são a extensão dessa lógica investigativa sobre a computação, construindo os caminhos tecnológicos necessários às HD. No capítulo 5, “Research infrastructures”, Berry e Fagerjord “querem gastar mais tempo pensando a respeito dos caminhos pelos quais as infraestruturas apoiam a pesquisa e a tornam possível como ensino nas universidades” (p. 80). No capítulo 6, como o título já diz, “Digital methods and tools”, trabalha a construção dos sistemas digitais (p. 103). Para os autores, as HD, não apenas consideradas como construção, são frequentemente situadas em diferentes tipos de estruturas e instituições, o que faz delas campos cognatos nas humanidades. Arquivo, processo, software, interfaces públicas e codificação são estudados sob o axioma cunhado por Richards Rogers: métodos digitais para aquilo que já nasce digital (p. 108-109).

O capítulo 7, “Digital scholarship and interface criticism”, e o capítulo 8, “Towards a critical digital humanities”, levam o leitor à criticidade (p. 114) proposta pelos autores no subtítulo do livro e apresentada como objetivo logo na Introdução. Aqui, Berry e Fagerjord edificam sua base epistemológica e traçam o arco da ética nas funções digitais, na construção crítica fundamentada e argumentada sob vários prismas. Não será o computador a verdade absoluta enquanto resposta, porque são as perguntas sobre tudo aquilo que não está visível nas telas que importam. As camadas interfaceadas, a transparência, a aplicação do *Big Data* (p. 137), a cultura mediando a própria cultura. A essa proposta especulativa aberta e intensa, principalmente na conclusão do livro, os autores evocam e

nomeiam como *Humanidades Digitais críticas* (138-140), porque elas mesmas se entretecem nas questões de como o conhecimento se transformou quando foi mediado pelo código e pelo software. O livro em si é um documento sobre como as HD têm crescido e desenvolvido suas potencialidades para futuras possibilidades, em suas palavras autorais.

Referências

- BERRY, David M. The computational turn: thinking about the digital humanities. *Culture Machine*, 12. Open Humanities Press, 2011. Disponível em: <n9.cl/pdmt>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BERRY, David M.; FAGERJORD, Anders. *Digital humanities: knowledge and critique in a digital age*. Cambridge, UK/Malden, USA: Polity, 2017.
- DAVIDSON, Cathy N. Humanities 2.0: promise, perils, predictions. *Debates in the Digital humanities*. Matthew K. Gold (ed.). Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012. Disponível em: <n9.cl/1bv78>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- HAYLES, N. K. How We Think: Transforming power and digital technologies. *Understanding the digital humanities*. D. M. Berry (ed.). London: Palgrave, 2011.
- KIRSCHENBAUM, Matthew. What is 'digital humanities', and why are they saying such terrible things about it? *Differences*, n. 25, vol. 1. Elizabeth Weed & Ellen Rooney (eds.). Duke University Press, 2014, p. 46-63 Author's PDF. Disponível em: <n9.cl/tvfi>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- LIU, Alan. Where is cultural criticism in the digital humanities? *Debates in the digital humanities*. Matthew K. Gold (ed.). University of Minnesota Press, 2012, p. 490-509. Disponível em: <n9.cl/1bv78>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- SCHNAPP, Jeffrey; PRESNER, Todd. Digital humanities manifesto 2.0. University of California, Los Angeles, *UCLA Website*, postado em 29/05/2009. Disponível em: <manifesto.humanities.ucla.edu/2009/05/29/the-digital-humanities-manifesto-20>. Acesso em: 07 set. 2020.